

Carinhanha

entre rosas e veredas

Organizadores

Léo Mackellene G. C.
Simone R. Passos
Fabiano F. Costa Vale
Ana Daniela Neves
Daniele dos S. Rosa

Impresso no Brasil/Printed in Brazil
rosas.veredas@gmail.com

Prefeita de Carinhanha

Francisca Alves Ribeiro

Vice -Prefeito

Paulo Elisio Cotrim

Secretária de Educação e de Cultura

Arlinda Cunha Neves Neta

Chefe de Gabinete

Maristela de Souza Alexandrino Macedo

Editora Corsário

Al. da Violetas, 279, Papicu – Fortaleza – Ceará
www.corsario.art.br – revistacorsario@gmail.com

Ficha Técnica

Seleção, Organização e Revisão dos Textos

Léo Mackellene G. C. / Simone R. Passos

Fabiano F. Costa Vale / Ana Daniela Neves /

Daniele dos S. Rosa

Editor Responsável | Mardônio França

Direção de Arte | Katiusha de Moraes

Projeto Gráfico | Ícaro Mares/ Roberto Barros

Editoração Eletrônica | Orlane Rocha

Fotografia da Capa | Mardônio França

Impressão | Expressão Gráfica e Editora Ltda.

Catálogo na Fonte

Carinhanha: Entre Rosas e Veredas./ Léo
Mackellene G. C., Simone R. Passos,
Fabiano F. Costa Vale, et al .
[organizadores e revisores].- Fortaleza:
Editora Corsário, 2010.

48p.

I. Rosa, João Guimarães- 1908-1967
Grande Sertão: Veredas 2. Literatura
Comparada- Brasileira I. C., Léo
Mackellene G. II. Passos, Simone R. III.
Valee, Fabiano F. Costa IV. Título

CDD: 809.3

ISBN: 978-85-7563-553-7

Eu atravesso as coisas
e no meio da travessia não vejo!

Só estava era entretido na idéia dos
lugares de saída e chegada.

Mas o real não está nem
na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é
no meio da travessia.

*João Guimarães Rosa,
Grande Sertão: veredas*

Os textos que compõem este livro são resultado de oficinas de escrita a partir da leitura da obra de João Guimarães Rosa, no projeto “Nas veredas do Grande Sertão”, realizado na cidade de Carinhanha-BA, em julho de 2009. As oficinas foram ministradas pelos professores Ana Daniela, Daniele Rosa, Fabiano Vale e Léo Mackellene da Universidade de Brasília (UnB).

Os textos contidos nessa coletânea têm todos os direitos reservados aos seus respectivos autores. Sua reprodução é permitida para fins didáticos e não lucrativos desde que devidamente citados autor e fonte.

Este projeto é uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Carinhanha, na gestão “Governo das Realizações”, e a Câmara dos Deputados Federais em Brasília, na pessoa do Deputado Federal Zezéu Ribeiro do PT/BA.

este livro foi publicado sob licença creative commons, permitindo a qualquer pessoa copiar, utilizar e compartilhar seu conteúdo, desde que obedeça à mesma licença, sempre citando a fonte original, e nunca para fins comerciais. qualquer alteração nos textos não será permitida sem o consentimento do autor. para conseguir uma cópia desta licença, acesse o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>



APRESENTAÇÃO

É COM GRANDE ALEGRIA que venho aqui, na condição de prefeita, apresentar às senhoras e aos senhores o resultado de um trabalho que começou em Março de 2009, quando surgiu, junto ao Deputado Federal Zezéu Ribeiro do PT/BA, a preocupação em preservar as histórias e a cultura locais de Carinhanha.

Esse livro vem num momento crucial para nossa gente, já que faz parte das comemorações dos 100 anos de emancipação política de nosso município. Esse livro também nasce como parte do processo de modernização de nossa cidade representado hoje pela “Ponte Guimarães Rosa” que viemos aqui inaugurar.

São bem sabidas as conseqüências da modernização de uma cidade. Se por um lado traz progresso e benefícios para a população no que tange ao acesso a bens materiais, culturais, de saúde etc., por outro, é a modernização, como diz o pensador latinoamericano Nestor Canclini, “uma força alheia e dominadora, que opera, muitas vezes, por substituição do tradicional e do típico”. Daí a preocupação, como prefeita mas sobretudo como cidadã, em manter viva nossa memória, nossa história, nossas lendas, algumas delas contadas aqui nesse breve livro não pelas pessoas mais antigas de nossa comunidade, como é de praxe, mas pelos mais jovens, já que é neles e a partir deles que a memória de tempos idos continuará em tempos que virão.

Claro que esse ainda é um trabalho incipiente. Sua qualidade e importância se devem mais a nosso desejo de fazer

esse registro que a uma pesquisa mais criteriosa e científica que fizeram outros pensadores, escritores e pesquisadores como o próprio Guimarães Rosa.

Há de ser, contudo, observada a boa vontade desses jovens que, mesmo sem um retorno imediato e material, movidos apenas pela sede de conhecer sua cidade, vieram trabalhando, lendo, escrevendo e reescrevendo os textos e as falas que enchem de sons esse livro histórico que marca, para sempre, meu coração, minha memória e o coração e a memória de cada um envolvido nesse processo, desde o começo até aqui.

**CHICA DO PT,
Prefeita de Carinhanha, Bahia.**

PREFÁCIO

Simone Rodrigues Passos

Tenho trabalhado com uma categoria de análise das relações entre o homem contemporâneo e o espaço que o cerca: a modernização. A partir dessa experiência é possível constatar o afastamento desse homem da natureza, dos outros e, num estágio mais avançado, de si mesmo.

Numa época de total valorização do “agora”, e da fragilidade das relações humanas, esse projeto me chamou a atenção por fazer o caminho reverso: reforçar a identidade coletiva glorificando as tradições e a história locais.

Quando fui convidada para participar da construção desse livro, me deparei com a tentativa de uma cidade em aproximar seu passado, o início da sua história, daqueles que hoje constroem seu presente e seu futuro, os jovens.

Foram mais de cinquenta textos produzidos por eles, jovens alunos de escolas públicas, todos traduzindo uma vontade muito forte de escrever sobre sua cidade, conhecê-la, entendê-la, saber de sua história, ou melhor, de suas histórias. Devemos ler esse livro como quem lê os primeiros ensaios de grandes escritores que estão despontando entre estes jovens.

O texto está dividido em três partes. Na primeira, estão os textos sobre Carinhanha mais especificamente, começando por um que inspirou o título do livro. Um adendo: o título do livro - é preciso que se diga - nos foi sugerido por uma amiga que leu os originais, a Ana Argentina Castro Sales.

Essa primeira parte traduz um senti-

mento de gratidão e de bem-querência de seus autores pela cidade onde nasceram. São textos que falam sobre a história de Carinhanha e mencionam alguns personagens históricos, como por exemplo o texto que coloca a cidade “entre dois Chicos” — o Velho Chico, o Rio São Francisco, às margens do qual a cidade cresceu, e o primeiro governador, o coronel Chico Timóteo — e a prefeita Chica do PT, que vem marcando o início de uma nova história para a cidade. Funciona ainda, esta primeira parte, como uma contextualização para quem não conhece a cidade.

Na segunda parte, estão relatos que mesclam a história de vida dos autores, elementos de sua imaginação e do imaginário popular, como a figura do “Caboclo d’Água”, que apareceu em quase todos os textos que mencionavam o Rio São Francisco; a quem esta segunda parte é dedicada.

Finalmente, de temática mais livre, selecionamos textos para compor a terceira parte: os que apresentavam uma linguagem mais próxima da linguagem de Guimarães Rosa, pivô desse projeto. O texto de Janilson de Souza, por exemplo, apresenta uma linguagem incrivelmente roseana, a começar pela primeira palavra do texto “Conhecidência”.

É essa mesmo a proposta do autor de Grande Sertão: Veredas: promover a ressignificação do mundo a partir da reestruturação dos discursos, da linguagem, das palavras. Pensamos, então, que esta seria uma boa forma de reverenciar uma cidade que está, agora, começando a recontar sua própria história.

Simone Rodrigues Passos é cientista social e educadora formada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral-CE.

PARTE I:
CARINHANHA
a terra

CARINHANHA, TERRA QUERIDA

Eliane Gonçalves, Lauricélia dos Reis,
Paloma Alves Vargas, Érica Eugênia,
Luzia Cerqueira, Juscélio Bonfim,
Inês Nunes, Jeanne Cristina,
Cleide Silva Souza

CARINHANHA, terra querida
Cheia de encantos mil
Povo alegre, gente amiga
Um pedacinho do Brasil
Aqui chegaram os bandeirantes
Desbravando nossas terras
Expulsando nossos índios
Fizeram muitas guerras.

Povo Sertanejo e ribeirinho
Dos jagunços e antigos coronéis
Do Jota Vieira, do João Rodrigues
Do Honorato Ribeiro e seus cordéis.
Da Fazenda Geral Barra
Ganhamos outra identidade então,
Linda cidade Carinhanha:
Nas Veredas do Grande Sertão!

Rio Carinhanha e São Francisco
De águas boas e muitos peixes
De mandins, piau, curimatão
Suas enchentes nos deram terras férteis.
E os vapores que aqui passaram...
Traziam muita alegria
As crianças todas curiosas
E a beira do rio, era festa e folia!

Suas matas foram destruídas
A caatinga, o serrado e o sertão
Hoje não vemos essa paisagem
Tudo transformou-se em carvão
Hoje temos cultura
Pintores, cantores, poetas, repentistas
Ateliê, casa do careta, festa do caboclo
Êta povo trabalhador, festeiro e artista!

A HISTÓRIA DE CARINHANHA: ENTRE CHICOS E CHICA

Jeane dos Santos Santana

CARINHANHA FOI EMANCIPADA no dia 17 de agosto de 1909. Foi governada pelo coronel Francisco Timóteo, conhecido por Chico Timóteo. Hoje é governada pela prefeita Francisca Alves Ribeiro, conhecida como Chica do PT.

Carinhanha se localiza na zona geográfica do médio São Francisco, conhecido como Velho Chico, estando seu território incluído no polígono da seca, apesar do rio.

Os primeiros habitantes foram os índios caiapós. Suas tradições e folclore estão muito presentes na vida dos carinhanhenses, sendo sua cultura muito rica e apreciada. Existem o rei dos bois, a capoeira, as Festas do Divino e outras festas tradicionais.

Como qualquer outra cidade ribeirinha, Carinhanha vem sofrendo a ação dos homens, mas há aqui também homens e mulheres de boa vontade que lutam pela sua preservação.

HISTÓRIAS DE NOSSA TERRA

Alessandra de Oliveira

CARINHANHA JÁ FOI UM LUGAREJO pobre e de pessoas simples. Diziam que as pessoas dos outros lugares vinham para cá a pé. Minha avó me disse que ela cansou de trazer seus filhos doentes para cá assim. Outros saíam de longe para vir casar aqui. Era tudo muito difícil por não haver transporte, só burros, jegues, cavalos e barcos. Os dois últimos só para os ricos. Gastava-se até dois dias para se chegar aqui.

A primeira vez que as pessoas daqui viram o carro, ficaram com medo. Meu avô me disse que ele pensava que era um bicho e saiu correndo. Quando descobriu o que de fato era um carro, ficou impressionado com aquilo e penso mesmo que era o fim do mundo, horas apreciando aquela beleza. Outras pessoas ficaram ao redor do carro, curiosas e imaginando como aquilo poderia andar mais rápido que os cavalos.

A comida na época era farinha e rapadura. Dizem que no tempo de ventania, as pessoas jogavam a farinha na boca e a farinha voava no vento.

Não existia polícia. Quem mandava e desmandava eram os coroneis, e todos tinham que obedecer. O que ele falava era lei.

SÓ NÃO DEIXO A MINHA CARINHANHA...

Silene Santos Belém

QUANDO CHEGUEI À PRAÇA DA MATRIZ e vi aquela multidão à espera dos festejos do Divino Espírito Santo, comecei a imaginar como seria este ano, pois nos anos anteriores, teve muitas danças de caboclos na festa do Divino, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia.

Todos os anos, entre maio e junho, acontece uma festa grande como essa. Enquanto eu estava pensando tudo isso, os caboclos passavam dançando e minha mãe chamava para ir acompanhar.

Às vezes, penso em morar em outra cidade, mas quando penso em tudo o que temos aqui, a dança dos reis de boi que é uma folia só, de homens de bambu, tocando pelas ruas arrastando multidão.

Aqui também tem a contra dança que é formada pelo conjunto de homens com caixa de zabumba, correco, pandeiro, viola e dois tocadores de gaita que cantam benditos com letras louvando ao meninos Jesus.

A merlinha de outro com uma cabeça de mula feita de pau, sendo o corpo como cabo de vassoura e na ponta a cauda. Um homem coberto com uma grande toalha e o rosto com um véu sai correndo, como se fosse uma mula brava, dando coices a quem se atreve em mexer com ela.

Dançam nas portas das casas um grupo de mulheres e um violeiro que cantam batendo palmas.

Eu não curto muito o Reis de Caixa,

mas minha mãe adora. O Reis de Caixa é um grupo de mulheres e homens com viola e caixa, cantam em louvor aos Santos Reis.

De vez em quando eu acompanho o Terno, pois é uma dança chique, com vestimenta sofisticada: homens e mulheres bem trajados, conforme o terno. Que em duas filas paralelas, de um lado homens, de outro mulheres, no meio fica uma moça bailando no ritmo da banda que segue atrás tocando uma marcha, com letras referente ao terno.

Carinhanha é uma terra de muitos artistas, terra boa de viver.

EMANCIPAÇÃO CARINHANHENSE

Lucrécia Rodrigues de Souza

DESTACA-SE UMA HISTÓRIA COMO-VENTE de um povo batalhador que construiu uma cidade tão maravilhosa, considerada indígena.

Chegando aqui neste território, Manuel Nunes Viana – um dos fazendeiros mais importantes –, no ano de 1711, fundou um povoado, fez uma capela e teve como padroeiro São José. O povoado foi crescendo e se desenvolvendo na pecuária.

No dia 17 de agosto de 1909, o governador da Bahia, Dr. João Ferreira de Araújo Pinho, assinou a Lei nº 762. A vila de São José permanece 75 anos para se emancipar. E até hoje este santo é padroeiro da cidade e sua festa é comemorada no dia 19 de março.

Carinhanha foi emancipada no dia 17 de agosto de 1909. O governador da Bahia era João Ferreira de Araújo Pinho, que nomeou como intendente para governar Carinhanha o Cel. Francisco Luiz da Cunha, conhecido por Chico Timóteo (pai dos pobres). Porém, ele morreu de parada cardíaca em 1914, ao saber que foi derrotado por Antônio Prophíria Dias Andrade Filho. Com tudo isso, em 1928, chegou o Cel. João Duque, que com os seus 80 homens armados correu com todos, e quem ficasse morreria. Ele assumiu o poder, governou de 1928 a 1930, novamente depois de muita insurreição e descontentamentos em todo o país. Depois, o Cel. João Duque governou de 1931 a 1937.

Enfim, com todos estes acontecimentos, Carinhanha só veio a ter calma depois do surgimento de eleições democráticas em 1946. Antes disso, eleições eram intendentadas, por isso Carinhanha ficou parada sem desenvolvimento econômico e cultural grandes.

Recordando Carinhanha, pude perceber que as coisas mudaram paulatinamente, tanto social quanto cultural. Estive conversando com alguns parentes e amigos que não são da minha geração e que conheciam a antiga Carinhanha e eles disseram que os costumes se transformaram: lavar roupas na beira do rio, as culturas, a agricultura diminuiu bastante, os clubes e principalmente as eleições que hoje todos têm direito de participar.

GRANDE SERTÃO: VEREDAS DE CARINHANHA

Jamerson Duque, Diego Ribeiro,
Caio Flávio, Erlane e Antônio Moreira

O GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Uma história nos ensina.

Obrigado ao Léo

E à Ana Carolina.

O Fabiano não fica atrás

A Daniela se aproxima.

O tempo que aqui passamos

Foi muito essencial

Agora sonhamos

Até com o irreal.

Carinhanha saiu ganhando

Com sua visita

O Grande Sertão: Veredas

Não está só na escrita.

Parabéns Fabiano

Muitas felicidades

Muitos anos de vida

Até outras oportunidades.

O Erlon virou Moreno.

O Antônio virou Tonhão.

O Caio é Voluntário

Às veredas do sertão.

Começamos quinta feira

Terminando no domingo

Foi bom ver vocês chegar

Que pena que já estão indo.

Do Léo e do Fabiano

Agora não posso falar.

Daniele e Carolina

São bonitas pra danar.

Com elas pude aprender

Ainda me apaixonar.

À galera da UAB
Queremos agradecer
Por se preocupar
Com o nosso aprender.

Ao professor Alberto
Não posso deixar de falar
Deixamos o nosso obrigado
Por ele nos convidar.

Temos muito a dizer
Por aqui vamos ficar
Agradecemos a vocês
Que veio nos ajudar.

Esperamos que o projeto
Por aqui não vai parar
E é nessa esperança
Que juntos vamos sonhar
Aqui está nossa história
Ela temos que preservar.

A prefeitura também fez por merecer
Aqui ficam as palavras
Para a Chica do PT.

O Grande Sertão: Veredas
Não é nenhuma historinha
Somos tão importantes
Que aqui até deputado tinha
Aqui quem está falando
É a galera da Barrinha.

PARTE II:
O RIO SÃO
FRANCISCO
o mar

CHICO, O SERTANEJO RIO DO SERTANEJO

Matildes Moreira Dias

O QUERIDO SÃO FRANCISCO
Que nos sacia a sede
Às margens do Velho Chico
Os pescadores enchem as redes
Rio que dá vida aos sertanejos
Que germina a semente
Que encanta com seu jeito
Que alegra nossa gente.
Minha terra tão querida
Meu formoso sertão
As águas do Velho Chico
Deságua no ribeirão
Alaga as cidades ribeiras
E torna fértil a plantação
E também a imaginação
Que com mitos e lendas
Tecem as rendas das cortinas Do Sertão.

Meu coqueiro da Bahia
Onde santa o Sabiá
Meu rio Carinhanha
Que de sua beleza
Posso eu desfrutar.
Ouvindo o correr das águas
Calado fico a imaginar
Quão grande é o caminho
Pra se chegar até o mar!
Ah, o Velho Chico!
Que de tão velho criou raízes
No coração esperançoso
De todos os sertanejos
Grande, negro, fundo e sombrio
Sua margem, eu me esqueço do frio
Inigualável és tua beleza.
Só mesmo o Chico, o meu velho rio.
Queria eu poder viver,
Muito tempo pra saber
Que as gerações futuras
Dele não vão esquecer.

PESCADOR FAUSTINO VIEIRA LIMA E SEUS MISTÉRIOS

Diene Ferreira Fernandes

FAUSTINO VIEIRA LIMA, PESCADOR, de 65 anos, relata que no Rio São Francisco, próximo de Carinhanha, na baía rumo ao pontal, tem uma pedra lara, onde tinha uma mulher sentada. Esta mulher sentada para tomar sol, tinha pente e cachimbo de ouro.

Se algum pescador, qualquer que fosse, fizesse algum mal ao Rio, se alguém maltratasse o Rio, ou fizesse coisas erradas, ela cantava, cantava, até encantar os pescadores. Seu canto embalava os pescadores. Assim, eles não conseguiam maltratar o Rio.

Se fosse pescar direitinho, sem agredir nada, ela era muito boa para os pescadores, ajudava a pegar bons peixes. Eles pediam peixe pra ela, ela sempre dava, facilitava a pescaria, aproximando sempre os bons peixes do melhor local.

O CABOCLO DÁGUA

Diene Ferreira Fernandes

UM DIA EU E OS MEUS AMIGOS, o Raimundo e o José, combinamos de ir pescar no Carinhanha, só por diversão. A gente marcou para um dia de domingo. Este dia logo chegou.

Arrumamos um barco emprestado e fomos navegando pelo Velho Chico até chegar no braço do Carinhanha.

Encostamos o barco no barranco do rio, quando a gente chegou, desamarramos a rede e jogamos ela dentro da água, esperando um pouquinho e puxamos ela pra cima mas não pegamos nada. Tentamos pela segunda vez, nada também. José já estava ficando nervoso com aquilo, tentamos pela terceira vez resolvendo esperar um pouco mais.

Raimundo puxou depois impaciente e sentiu a rede mais pesada. José se animou, É, acho que dessa vez pegamo alguma coisa. Mas a rede tava pesada e a cada puxada que a gente dava o barco balançava, balançava que parecia que ia virar. Mas a gente não, não desistimos.

Quando conseguimos puxar a rede pra dentro do barco, o que tinha dentro não era espécie de peixe antes visto por nenhum de nós. Era grande, escuro, o nego. Careca era um homem, o caboclo d'água. Vamo matar esse coisa ruim, gritou José. Eu nem o Raimundo não concordamos com aquilo e resolvemos soltar o nego. Antes dele mergulhar pro fundo do rio, fez sinal de espera com a mão bastante maliciosa pro rumo da gente.

José enraiveceu e quis partir pra cima de mim, mas o Raimundo se intrometeu e derrubou o José dentro do barco, que balançou muito. Por pouco não virava. Lembro que José disse que Raimundo ia ver só. Resolvemos ir embora. Nunca ninguém tinha não ficado tão assustado.

No caminho de casa eu ia pensando por que que o nego não fez nada. Por que que ele deixou a gente ir sem não nos pedir nada? Por que que a gente ficou tão irritado um com o outro? A gente sempre foi tão amigo. As perguntas ficaram

ainda um tempo na minha cabeça mas acabei esquecendo aquela história. Nem Raimundo nem José mais falavam sobre aquilo. Não contamos a ninguém.

Coisa que não se fala é coisa que se esquece. Mas não se pode apagar a palavra dita.

Um dia, José ficou muito doente e foi pra cidade e ficou lá muito tempo. Por essa época o Raimundo ficou arrependido de ter derrubado o José dentro do barco. A gente, Raimundo e eu, ficamos muito com saudade, então, e quando José voltou a gente foi dar uma volta de barco, como era de costume.

Arranjamos o barco que não era lá muito bom mas era o que tinha e pegamos. José ia guiando o motor. Raimundo e eu íamos conversando na ponta do barco que, de repente, parou. Foi o motor que deu problema, quem disse foi o José. Então ficamos ali parados no meio do rio sem saber que fazer.

Enquanto não aparecia ninguém, o mais que a gente podia fazer era pescar. Jogamos a rede e esperamos um pouco. E nada. Mais uma vez, demorando, demorando. E nada. Aí, resolvi tirar cochilo.

Acordei com um safanão do barco que parecia que ia virar. Acordei que o José caiu na água, gritou Raimundo. Foi grande o susto quando vi o José se debatendo pedindo ajuda. Tentei pegá-lo enquanto Raimundo mexia no motor, só que ele foi afundando rápido como se estivesse sendo puxado pra baixo até ser tragado desaparecido na água. Meu desespero era grande, chamei por ele e nada, Raimundo dizia que tinha sido o caboclo d'água. De repente, vimos o José subindo para a superfície como se tivesse sendo erguido.

Conseguimos pegar ele depois de muito esforço, mas ele já estava ali sem vida. Em seu pescoço, muitas marcas e feridas.

Quando reparei no Raimundo, ele também tinha feridas no braço, nas mãos e no rosto.

O BICHO D'ÁGUA

Alessandra Lima

MINHA MÃE DIZIA QUE MINHA AVÓ dizia que a mãe dela dizia que há muito, muito tempo atrás, existiu uma família em que algo horrendo acontecera.

O homem, chefe da família, acordava cedo e logo pegava suas tralhas para mais um dia de pesca. Para sua alegria, toda vez que voltava da pescaria com seu barco cheio de peixes. No porto, sempre que voltava, seu cachorro estava à sua espera. Tinha por seu cachorro um carinho imenso. Sentia como ele fosse mesmo da família.

Rotina que se perpetuava cotidiana até o dia em que voltou para o porto com seu barco agora vazio.

Uma nova rotina começara. Por dias, ele não conseguiu pescar nada. Um, dois, três dias se passaram sem que ele conseguisse pescar um peixe sequer. A família passando fome, a barriga pregando nos ossos ao ponto de ele quase não mais ter forças para conseguir se levantar da cama, o homem pediu a suas ideias famintas para lhe mostrar uma saída.

No dia seguinte, antes que qualquer um acordasse, o homem levantou mais cedo do que o de costume; pegou suas tralhas e foi para o porto onde estava seu barco; seguiu para o meio do rio e gritou alto, gritou forte:

— Compadre água! Compadre água! Vamos fazer um acordo, se você me der peixe eu lhe darei a primeira pessoa da minha família que encontrar quando eu voltar.

Tendo dito isso, o homem logo joga sua rede na água e, sentindo-a mais pesada que nunca, o homem enche seu barco de peixes. Claro que ele ficou feliz porque agora sabia que poderia alimentar a sua família. Mas como ele poderia ficar feliz se teria que entregar uma pessoa da sua família ao Compadre água em troca dos peixes?

É que ele bem sabia que sempre que voltava para o porto, a primeira pessoa da família que ele encontrava era seu cachorro. Assim, pensava ter enganado o Compadre água.

Em casa, sua mulher acordara não tão cedo quanto ele, mas a tempo de perceber a cama do marido desfeita e o lugar dos seus utensílios de pesca vazio. Preocupada, a mulher pediu que seu filho fosse com o cachorro ao porto, para ver se seu pai estava por lá.

A surpresa do menino foi grande quando avistou ainda longe seu pai se aproximando com o barco repleto do que pareciam ser peixes, muitos peixes que ele tinha pescado. Podia ver a felicidade dos peixes no sorriso do pai que logo se desfez ao vê-lo esperar por ele ali no porto. E ele, o menino, não entedia porquê.

A SERPENTE

Roberta Cláudia

MEU AVÔ CONTA QUE quando foi construir a igreja, os tijolos e as pedras eram carregados de barcos.

Antes de construir a igreja, muita gente que ia à margem do São Francisco desaparecia misteriosamente.

De vez em quando, as águas do São Francisco estrondavam e a terra tremia, querendo se afundar como se fosse um terremoto. Alguns diziam que era o compadre d'água brigando com o peixe grande no fundo do rio.

Os tempos iam passando e a igreja caía do pensamento. Foi aí que surgiu o santo missionário Frei Caetano, que tomou conta da obra da igreja. Tudo na obra foi realizado sem estrago algum.

Certo dia, um dos homens que carregavam as pedras machucou o pé e foi o primeiro a chegar no porto. Quando começaram a tirar as pedras, o padre viu o pé dele machucado e pediu para ele retirar a pedra que o havia ferido, pois ela não servia para a construção da igreja.

Ouvindo meu avô contar a história, perguntei por que o rio estrondava e a terra tremia. Ele disse que era uma serpente brava que mora no rio São Francisco, que o Frei tinha amarrado com um fio de sua barba. Mas se o fio desamarrar, ela vai botar a cabeça para fora e vai dar um urro. Se isso acontecer, vai estrondar sete cidades em três dias. Para isso não acontecer, o povo tem que rezar o ofício de nossa senhora nos dias de sábado e domingo na igreja que ele havia construído.

“O padre, na sua despedida, falou: – Adeus! Até o dia do juízo! Se a serpente sair, só dois irmãos mambaços é quem poderão matá-la! Um matando a serpente, o outro irmão será o fraticida matando o seu irmão”, continuou meu avô.

E o grito da serpente é de estrondar todo o rio São Francisco. Muitos dizem que debaixo do paredão do coronel João Duque tem uma serpente igual a do rio São Francisco, só que se desenterrá-la a cidade de Carinhanha não terá progresso...

FUMO E PINGA POR UMA REDE DE PEIXES

Josélina Lima Magalhães

UM DIA BEM CEDO, quando os pescadores saíram para pescar, eles viram que não estava bom tempo de pesca. Quando eles voltaram para a casa deles, viram que algo estaria puxando o barco. Eles olharam tudo em volta, mas não viram nada, só a água.

No outro dia seguinte, tornaram a voltar, no mesmo lugar, a fim de pescar. Ao escurecer, eles amarraram suas redes e perceberam que não tinham pegado nenhum peixe. Um deles, muito insatisfeito com isso, pegou fumo e um litro de pinga e jogou no rio. Nesse momento, falou assim “Compadre mestre dessa água, tome este fumo e essa pinga e deixa a gente pescar, precisamos levar alimento para nossa família!”.

Mais tarde, os pescadores tornaram a jogar as redes no rio. Esperaram até o amanhecer. Quando voltaram, notaram que a rede estava muito pesada. Tinha ali muito peixe, muito alimento.

Não é que o Compadre d'Água os ajudou a pegar peixe!

PERIGOSO PRA QUEM NÃO RESPEITA

Mônica Josina Maciel

ERA UMA VEZ, HÁ 40 ANOS, UM HOMEM que foi para o Rio. Pegou sua rede e começou a pescar. Não conseguia pegar nada! Jogou, jogou e jogou e nada. Depois de algumas horas, muito nervoso começou a maldizer o rio. Xingou, falou, esbravejou. Para pior, em uma das tentativas, sua rede enganchou em algo no leito do rio. Mais nervoso, suas palavras foram ainda piores. Na tentativa de resgatar sua rede, o homem mergulhou com tudo na água.

Horas e horas se passaram, e nada do homem retornar. Sua família estranhou a demora, sentiram a falta dele. Todos foram para a beira do rio, na tentativa de encontrá-lo. Viram ao longe uns objetos na beira. Correram e lá estavam as roupas do homem, somente as roupas. Nesse momento, todos se espantaram, lembraram das lendas do Compadre d'água.

Ninguém queria acreditar que algo poderia ter acontecido. Era verdade? Na hora, foram procurar fumo e pinga para oferecer ao Compadre d'Água, na esperança de que soltasse o homem

com vida, que permitisse sua volta. De repente, começaram a acontecer coisas muito estranhas. Primeiro, um estranho caixão subia às margens do Rio. Em vez de descer, o caixão subia à margem. Todos saíram correndo com muito medo. Só a mulher do homem resistiu. Mesmo com o coração temeroso e as mãos tremendo, ficou ali, paralisada, vendo tudo aquilo. Sem esperar, acontecia.

Ela, de joelhos, rezava sem parar, pedia que o Compadre d'Água soltasse seu homem. De repente, saiu debaixo d'água um homem numa velocidade de foguete, subiu, subiu, subiu até que caiu aos pés daquele mulher que chorava, já morto, sem vida, sem nada.

AS MARAVILHAS DO SERTÃO COM A EVOLUÇÃO

Agatha Julie Dias Farias

ESTÁVAMOS TODOS NA PORTA DE CASA, sentados, eu, meus primos, meus pais e meus avôs. Meu vô, todo empolgado, começou a puxar assunto:

– Antigamente, minha filha, as crianças brincavam tranquilas nas ruas, que não eram movimentadas. Um carro passar na rua era raro, os mais velhos que eu achava que era o cramunhão, o coisa-ruim!

– Vô, eu gosto muito quando o senhor conta aquelas histórias legais, conta uma pra mim?

– Tá bom, minha filha! Olha, meu pai contava assim, que quando ele ia pescar via no rio uns homens fortes e barbudos conhecidos como caboclos d'água e que eles pediam fumo e, de quem não desse, ele furava o barco ou até mesmo mataria afogado. Mas, minha neta, quando se

obedecia este pedido, se ganhava muita fartura na pesca.

– Vó, a senhora não sabe nenhuma história legal como essa?

– Ah, minha filha, eu sei é um bocado, sente-se aí e cuidado! Não pode cochilar! E prosseguiu:

– Na minha época, a luz elétrica não tinha, era tudo na base do candeeiro.

Já na época de sua mãe a cidade passou a ser iluminada à base de motor. Eu me lembro como se fosse hoje... Às sete horas da noite, acendiam. Porém, às dez, as luzes piscavam, e esse era o sinal que a luz ia apagar. Era o sinal pra gente ir pegar os candeeiros ou as velas.

– Poxa, eu não queria muito que hoje continuasse desse jeito, “ô tempim ruim”.

– Mas, minha filha, as coisas não param por aí. Senta e me escuta.

– Teve uma época que choveu tanto aqui na Carinhanha, na cabeceira do rio, que teve uma enchente que levou tudo: levou as plantações, os mantimentos, cada dia a água levantava mais, meus filhos. Era uma confusão! Todo mundo apavorado, com medo de morrer, até mesmo as coisas se perdiam quando chegava da travessia do rio. Daí começou a chegar tanto avião, mas tanto avião, que foi uma alegria só e chegava avião com comida, com colchões, cobertas, roupas... – Vó, no meio da fuzaca a senhora não ficou com medo de ocorrerem brigas? – Ah! Não, meu filho, o povo era tudo unido! – Mãe, a senhora está falando do rio antes, pois agora ele está baixo, que baixo demais, até as coroas se vê de longe. – Pois é, essas são as ações do homem. – O rio é tão importante como a cultura, não podemos deixá-los morrer.

CARINHANHA, UMA CIDADE DE CULTURA

Vinicius Alves Rodrigues

Em um certo momento, estava uma criança sentada numa pedra, por ouvir histórias do compadre d'água resolveu ir lá e ver se era verdade. Este menino sentado na pedra começou a falar: “compadre d'água, compadre d'água, aqui tem fumo, aqui tem fumo”, e eu não vi ele com fumo. Quando de repente ele veio como se fosse uma maré, e tentou levar o garoto. Ele conseguiu escapar e foi embora. Mas como diz a lenda, quem chama o compadre d'água e não lhe dá o que promete, ele se vinga. Depois fui na casa da mãe da criança e fui contar a ela o que tinha acontecido. Quando estava lá, o compadre d'água veio escavando pelo chão e levou o garoto. E a lenda diz que, quando o compadre d'água te leva pra casa dele, lá ele te deixa surdo, cego e mudo pra você não falar pra ninguém o que te aconteceu. Eu também vivi outro momento na beira do rio, quando estava uma filha minha na beira do rio comigo lavando roupa. De repente, apareceu pra mim e pra minha filha uma mulher bonita, de longos cabelos pretos e bonito, e ela se chamava Iemanjá. De repente, minha filha disse: “mãe, olha que mulher linda, de cabelos pretos, olha mãe, olha mãe”. No mesmo instante, a Iemanjá foi para o fundo do rio, e veio com um remanso para levar a minha filha, mas ela escapou. E a lenda diz que não pode admirar, falar que a Iemanjá é bonita porque se não quebra o encanto. E deste segredo só ela e seu marido, compadre d'água, sabem. E é por aqui que termino essa história.

PARTE III:
OUTRAS HISTÓRIAS
terceira margem

QUATRO! ASSOMBRAÇÃO...

Janilson de Souza Ferreira

CONHECIDÊNCIA, NÃO, SERIA MUITA. Estamos na flor da idade, não sabemos o que é o viver da vida, queremos é liberdade. Para a vida de quatro jovens, que não esperavam por nada, apenas estudar e só, estudar era uma rotina diária. Uma oportunidade até apareceu, e nós, quatro jovens ficamos animados. Viemos para a casa do avô de um dos quatro na cidade, ficar quatro dias, para com, na casa, uma mesa e quatro cadeiras.

Lembrando que na casa não morava ninguém.

Na cozinha só uma tampa de panela de pressão, e nenhuma panela, pensamos em um de nós voltar e buscar panelas, passagem ida e vinda, era quatro. Mas antes, perguntar a direção dessa oportunidade, para nos dar uma satisfação ou uma solução. O mal entendido foi solucionado, ficamos de boa na casa, não precisou um de nós voltar, anoiteceu. Tomamos banho, jantamos e tudo mais. Fomos deitar para dormir.

Lá pelo meio da noite, eu ainda acordado ouvi um barulho no telhado, mas não dei valor, poderia ser uma qualquer coisa. Passado alguns, o barulho repetido, só, que dessa vez, maior a destreza houve. Eu pensei vou espiar pra ver que bicho que bicho que é. Pois foi dito errado, porque a coisa tornou a barulhar. Eu já estava deitado e os outros dormindo. Não, não ia chamar eles pouca de simples barulho. Podia ser apenas um gato poderia.

Era possível!? O troço pela quarta vez me atormentava na noite calada da noite. Foram quatro vezes, durante quatro noites.

Na quarta noite, porém, preparei um relógio e um gravador, estava decidido. Sem contar nada aos outros, quando fomos dormir, acordei com um susto, horas, minutos, segundos. Olhei no relógio quatro e trinta e cinco, na faixa de uns quatro segundos, o barulho começou como se soubesse que eu tinha acordado. Liguei o gravador e fiquei de olho no relógio. Quatro e trinta e sete. Cada barulho dura quatro segundos. São quatro barulhos o mesmo barulho crescendo, cada vez mais forte, assustador. O terceiro às quatro e quarenta. O quarto foi o mais assustador e aterrorizante de todos, às quatro e quarenta e quatro. Eu olhava no relógio as mantinas da noite.

Os intervalos entre um e outro barulho foram de dois, três, quatro minutos.

Você olha no relógio, veja, passam quatro ou faltam quatro para um quarto de hora passar ou passado?

Não. Conhecidência, não, seria muita.

OS VULTOS

Jociel Nogueira da Silva

AINDA ESTAVA ESCURO. Era de madrugada quando escutamos o latido dos cachorros. O patrão abriu a janela e ficou no parapeito. Por certo, não sabíamos quem era aquela gente. O patrão pegou a lanterna e apontou o feixe de luz no rosto deles. Tinham a barba preta,

preta. Olhos fixos no companheiro que batia palmas.

Todo o pessoal da fazenda acordou. Eles eram uns cabras que eu nunca tinha dado na vista, mas o patrão devia de conhecer, coronel respeitado que era não ia admitir a chegada de um tanto de gente assim no meio da noite se não fosse conhecido.

— Quem vem lá?! Gritou o patrão.

Não obteve resposta. Os cavaleiros desapareceram como se fossem poeira. O patrão avançou, olhou o lugar onde eles estavam, mas não pôde ver nada.

Na noite seguinte, ficamos na espreita esperando por eles. Estávamos com boas lanternas e bem armados. Hoje esses meliantes não escapam. Quem eles pensam que são para tirar assim o sossego dos outros? Pensei. O patrão disse que não tinha entendido como eles desapareceram daquele jeito. Seria visagem?

ENCONTRO DAS ÁGUAS

Cleide Silva Souza

NUMA PEQUENA CIDADE, à beira de um belo rio chamado Carinhanha, habitava uma família. Nessa família, o pai era pescador e todos os dias, pela manhã bem cedinho, como de costume, ia pescar com seu companheiro, para o sustento de sua família. Sua esposa ficava em casa, cuidando dos seus filhos.

Nesse dia, o tempo estava muito nublado e ventando muito. O companheiro do pescador resolveu ficar. Com medo do

mal tempo, não quis se arriscar no mar. Assim, o pescador, por causa de suas responsabilidades e devido à sua coragem, resolveu pescar só. Entrou em seu barco e se foi.

Ao anoitecer, começou a chover. Estava muito escuro, não havia nenhuma estrela no céu, só uma nuvem pesada. Quase não dava para ver nada, apenas com os relâmpagos, com a claridade que deles saía, era que aquela vastidão se alumiaava.

E, de repente, do meio do nada, sai de dentro do rio um enorme vapor de fumaça. Era uma fumaça espessa, cinza, escura... E, sem ninguém poder prever, de dentro dessa fumaça caíam coisas estranhas. Eram coisas arredondadas, mas sem ser redondas mesmo. Eram pesadas e fortes: eram batatas!

O pescador, muito atordoado com tudo isso, sem saber o que fazer, ficou olhando. Desesperado, pois cada vez caía mais. Olhando tudo aquilo acontecer, esbravejou “Meu Deus, o que será isso?”.

Como ele era um grande pescador, muito corajoso, e vendo que nada mais caía além de batatas, ficou muito curioso e, num ato ao mesmo tempo impensado e de coragem, resolveu comer uma batata, alguma dessas que caíam muito perto de seu pé. Ao comer a batata, o pescador caiu na água, caiu como se tivesse sido subitamente jogado. Nesse momento, tentando nadar e se livrar da correnteza, apareceu uma mulher. Essa mulher era muito bonita. Ele viu que da cintura para baixo ela era um peixe! Como assim? Uma sereia? Pensou assustado. Viu seus cabelos longos, pretos e muito lisos, cobrindo todo o seu corpo, como roupas.

A noite já avançava. Ao amanhecer, sua esposa percebeu que o seu marido não tinha voltado para a casa. Foi à sua procura com alguns pescadores amigos. Todos procuraram durante todo o dia.

Ao anoitecer, já em desespero, sem saber o que fazer, já em prantos, a mulher percebeu algo boiando nas margens do rio. Chegou perto e viu: eram roupas, apenas as roupas daquele pescador que resolveu sozinho enfrentar as águas desse grande rio.

SEU LUIZ E O COMPADRE DÁGUA

Bismark Santos Tavares

NUMA CIDADEZINHA por nome de Carinhanha, ribeirinha do São Francisco, morava um senhor, cujo nome era Luiz, conhecido como “Luiz bodeiro”. Seu nome vinha de sua criação de bodes, a qual já tinha havia muito, muito tempo.

Seu Luiz era um homem forte, trabalhador e valente. Dizia a todos da cidade que, em uma noite de lua cheia, havia lutado com o lobisomem. Só que isto é uma outra história...

Nessa cidade era comum faltar água nas torneiras das casas. E seu Luiz ia até a beira do rio para buscar água, no Posto do Sangradouro. Ele levava consigo dois balotes e um pedaço de sabão pintado, pois logo que chagava, sentava em sua escadaria e se molhava para refrescar.

Num dia como qualquer outro, lá pelo meio-dia, seu Luiz pegou os baldes e foi buscar água. Quando estava se refres-

cando com a água barrenta do rio, sentiu nos pés algo lhe puxando. Ele pensou que seria um peixe ou o galho de uma árvore, quando de repente levou um puxão que o levou para o meio do rio. O homem gritava “Me solte! Me solte!”, mas nada de ser solto.

Com muito esforço, seu Luiz encolhe a perna e dá um chute tão forte, mas muito forte mesmo, que quem estava puxando ele rapidamente o soltou. No desespero, seu Luiz nadou e quase meteu a cabeça numa embarcação encalhada.

Quando chegou em terra firme e já seguro, sentiu como era bom estar vivo. Pegou seus baldes e o pedaço de sabão e voltou para a casa. Ao chegar a casa, sua esposa, dona Patu, perguntou “Cadê a água, Luiz?”.

Seu Luiz, todo molhado e com o balde vazio, sentou em uma cadeira e foi contar tudo o que lhe aconteceu. Depois daquele dia, ele nunca mais quis saber de buscar água no rio.

O HOSPITAL ASSOMBRADO

Áthila Ribeiro Cazumbá da Silva

HÁ MAIS OU MENOS 10 ANOS, onde hoje é o Hospital de Carinhanha, era uma construção abandonada, cheia de mistérios. Quem passava por ali, nas proximidades da noite, ouvia gritos, pés se arrastando, pessoas conversando. Dava a impressão de que o lugar estava cheio de gente.

Um dia, um rapaz “sem juízo” resolveu en-

trar lá. Não se ouvia nada, apenas as velhas paredes se misturavam à escuridão e ao silêncio. Isso assombrava, fazia o mais valente dos homens sentir medo.

Num dia de domingo, dois primos e eu resolvemos que iríamos explorar aquele lugar, queríamos ir em busca de respostas sobre os fatos inusitados que aconteciam naquele local. Nós fomos precavidos. Antes de nos adentrarmos naquele local, procuramos saber com as pessoas mais velhas tudo o que se falava de lá. Então, procuramos minha avó.

“Olha, lá hoje é um hospital, mas me disseram que antigamente lá foi um cemitério e que os gritos que se ouvem são dos mortos em busca de paz”, dizia ela. Com as devidas informações em mãos, só precisávamos agora arrumar umas boas lanternas e um pouco de coragem para entrarmos ali à noite, a fim de encontrar com os fantasmas. Quando já passava das dez horas da noite, eu que era o mais novo dos três desbravadores, comecei a chamar meus primos para irmos de uma vez para lá. Meus primos concordaram e nos dirigimos para lá rapidamente. Para evitar que a gente hesitasse em entrar ao chegar na porta, entramos de uma vez e começamos a explorar o lugar em busca de descobrirmos se era verdade tudo o que diziam.

Andamos muito lá dentro, até que eu entrei numa parte mais distante. Avistei no chão uma massa vermelha. Imediatamente perguntei ao meu primo de que se tratava e ele, com os olhos arregalados, gritou “É um cérebro humano!”. Logo que ele gritou, ouvimos um grito medonho, como o de uma pessoa sentindo dor. Diante disso, corremos como loucos para fora de lá, com a certeza de que não voltaríamos nunca mais.

UM SENHOR DIFERENTE

José Domingos Pereira Ribeiro

NO MEIO DE UM LOCAL DISTANTE que começou a ser frequentado há muitos anos, a partir do que conhece o senhor João da beira do rio São Francisco, aqui em Carinhanha, havia ali um senhor muito diferente, fazia tudo para ganhar fumo e pinga.

Ele, um dia, disse que tinha conhecido a Laila. Disse que eles conversavam sempre, disse que ela era uma mulher muito linda, cabelos loiros e compridos. O mais estranho desse senhor é que desde minha meninice o conheço, mas ele nunca muda sua feição, ele nunca envelhece, nunca muda nada. Sempre está com o mesmo rosto, o mesmo cabelo, a mesma aparência. Achei isso muito estranho.

O tempo ia passando e eu cada vez mais velho e esse home, o seu João, sempre igualzinho, sem tirar nem por. Certo dia, Laila foi à casa de seu João, que era em uma gruta, dentro do rio. Foi então que tive a oportunidade de conhecer a Laila, mulher maravilhosa, também muito estranha, pois nunca envelhecera... Eles eram muito parecidos... sei que até quando vivi, eles estavam sempre ali, conversando e nunca velhos.

QUEM NÃO TRABALHA NÃO COME

Juscélio B. Santos

HAVIA UM MENINO que trabalhava na roça, dia após dia, numa fazenda à beira do rio São Francisco. Naqueles dias, o garoto andava irado com o seu pai porque não queria viver o tempo inteiro socado na roça, cavando, plantando e colhendo. Quanto ao pai, esse só dizia “Mateus, a vida é assim. Quem não trabalha não come!”. Repetia esse ditado todos os dias. E o menino só vivia imaginando: o que eu vou fazer pra não trabalhar mais assim? E retornava ao seu trabalho.

Certo dia, Mateus chegou até a mãe, observou ela brincando com um gato e perguntou “Mãe, a senhora fala com o gato? Ele entende?”. “Claro que sim, filho!”, respondeu ela. Mateus então pensou: se o gato entende, o boi, a vaca, o cavalo e o cachorro também podem entender. E foi fazer uma experiência.

Chegou ao curral e disse em alta voz. “Atenção, todos os animais, meu pai está vindo com um machado e vai matar todos vocês! Fujam!”. E, imediatamente, todos correram!

Já anoitecendo, o pai chegou ao curral, sentado em seu cavalo para prendê-lo, e não viu nenhum animal. Então perguntou “Cadê os meus bichos? Garoto, o que fez com eles?”. “Pai, deixa eu explicar...”, respondeu o menino. Mas o pai interrompeu falando “Explicar coisa nenhuma, amanhã cedo quero eles aqui!”

Mateus saiu de casa bem cedinho, em busca dos animais, e encontra todos eles comendo capim. E torna a falar, “Meu pai está vindo com um machado e vai matar vocês, corram para o curral!”

E todos correram depressa. Depois de ter prendido os animais, pensou, pensou e pensou. Logo teve uma idéia. “Já sei! Agora estou livre da roça!”

Chegou perto dos animais e disse “Atenção, a partir de hoje quem não trabalhar não come!”

E levou todos pra fazenda, deu a cada animal um cargo: os cães cavavam o chão; os cavalos jogavam as sementes; os bois jogavam a terra; as vacas colhiam e ele apenas molhava o solo. Assim, um serviço que era para durar uma semana foi feito em um dia.

O pai do garoto foi observar como andava a plantação e ficou admirado. “Filho, como conseguiu fazer isso tão rápido?”

Respondeu Mateus: “Pai, o senhor lembra, quem não trabalha não come!”

Assim trabalhavam os animais, de semana a semana. E o garoto, enfim, ficou livre do trabalho pesado diário.

POSFÁCIO

Léo Mackellene

LITERATURA E FORMAÇÃO DO HOMEM

Quem vê na literatura
apenas literatura
não sabe ler,
não sabe ver.
Não entendeu nada!

É INEGÁVEL CERTO DESPREZO PELA LITERATURA, certa incompreensão quanto a sua importância e um quase total desconhecimento de sua força nos dias de hoje. Nas escolas, ela é tratada como disciplina, e, como tal, vê sua capacidade reformuladora, contestadora, reflexiva bem reduzida. Nas academias, tratam a literatura apenas como literatura e assim deixam de ver o que ela, essencialmente, quer mostrar.

Onde a literatura como arte? Onde o frisson de escrever? O prazer de ler? A reflexão sobre o homem, sobre o mundo, sobre a História dos homens, sobre a sociedade e as relações de poder escondidas sob os pequenos gestos humanos dos quais os personagens da literatura são os símbolos maiores? E o estudo e análise da alma e do pensamento humano através da literatura? E a tentativa de compreensão do que somos cada um de nós, do que fazemos aqui, de pra onde ir?

Tudo isso se perde com o ensino de literatura que temos, a gerar um dos piores traumas de que um ser humano pode ser vítima, uma das piores cegueiras, a de

não querer ver, o pior dos analfabetismos: o de não querer ler.

Antonio Candido, em sua palestra A literatura e a formação do homem, fala da função humanizadora da literatura, do quanto ela pode para re-humanizar o homem, do quanto ela pode para ressignificar as coisas. O poeta alagoano Jorge de Lima chegou mesmo a dizer que “é dever do poeta recompor tudo”. Segundo Antonio Candido, “as camadas mais profundas de nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar”.

Ainda segundo ele, “talvez os contos populares, as historietas ilustradas e os romances, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente”. A maior parte dos professores esquece que a literatura é a arte da palavra, e que ler é conversar, é aprender e ser guiado pelos livros. Livros que não são páginas rabiscadas com palavras, apenas, são pessoas falando, conversando, debatendo, pensando sobre o mundo e sobre as coisas do mundo. Sobre o homem e sobre a vida. Sobre a alma e sobre a morte.

A história e a política. A ciência e a sabedoria. E ouvi-los, dialogar com eles, é a chave. Os livros são nossos guias. Haveremos, ainda, de restabelecer à literatura o papel que lhe cabe na História: o de guia da humanidade.

GRANDE SERTÃO: VEREDAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DE CARINHANHA

Hoje, fala-se muito em Patrimônio Cultural Imaterial. Começa-se, finalmente, a perceber a riqueza de bens que, aparentemente, não são palpáveis. Assim, Antonio Candido, em outro de seus ensaios, fala de um direito público igualmente importante e quase nunca lembrado: o direito à literatura. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, define como Patrimônio Cultural Imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”.

Grande Sertão: veredas, de João Guimarães Rosa, é obra das mais importantes da literatura universal já escrita em língua portuguesa. Patrimônio do povo brasileiro – não só por ter sido escrito por um, ou por ter sido escrito em língua nacional –, o livro foi escrito a partir de uma viagem que Guimarães fez pelo Cerrado mineiro e parte do Sertão baiano, em 1952. Acompanhado de oito vaqueiros, durante 10 dias, o autor percorreu 240km no lombo de uma mula. Anotava tudo o que via e ouvia numa caderneta que levava pendurada ao pescoço; daí a inspiração para escrever o romance.

Os lugares por onde Guimarães passou estão todos representados no livro. São vilas, casas esparsas, pequenas cidades espalhadas por uma paisagem que

ia se transformando na medida em que caminhava: de Mata Atlântica ao Cerrado e dali ao Sertão. São lugares de gente humilde que vive da agricultura, basicamente, quando não, do pequeno comércio, e de gente valente, ainda da época da jagunçagem. São comunidades também ribeirinhas ao Velho Chico, como a cidade de São Romão, conhecida como Mesopotâmia Brasileira. Um dos rios mais importantes citados no livro, contudo, é o Rio Carinhanha, que dá nome à cidade de 30.000 habitantes no sudoeste da Bahia. Sendo um Patrimônio Cultural dessa magnitude e abrangendo uma área tão vasta quanto essa, é salutar nos perguntarmos: quantas pessoas das comunidades, cidades e vilas por onde passou Guimarães Rosa nesta viagem conhecem tal obra? Quantas pessoas puderam, enfim, se ver representadas nesta que foi eleita, pelo jornal inglês The Guardian, como uma das maiores obras literárias da humanidade de todos os tempos? Quantos estão privados de conhecê-la? A quantos está negado o direito de conhecer e de ler o fundamentalmente humanizador Grande Sertão: veredas?

EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA E DEMOCRATIZAÇÃO DO LIVRO

O livro é um instrumento de cidadania e de formação. Através dele podemos compor leituras de mundo, ampliar nossos conhecimentos, desenvolver a capacidade crítica e estimular a nossa imaginação criativa. No entanto, no Brasil, são poucos os que têm acesso aos livros e aos meios da leitura. A realidade brasileira consiste em baixos índices de leitura, baixa compreensão leitora e altos índices de analfa-

betismo e analfabetismo funcional, redes de bibliotecas em situação precária, livros com baixas tiragens, preços elevadíssimos, poucas livrarias, além de uma descontinuidade das ações de políticas públicas voltadas para a promoção do livro e da leitura no país. Juntando isso aos índices de analfabetismo, sabemos que promover a leitura em nosso país é um desafio gigantesco. É preciso promover uma mobilização social e desenvolver uma política pública e de Estado, realizando ações concretas e permanentes de fomento à leitura e de formação de leitores, apoiando as cadeias criativa e produtiva do livro e mediadora da leitura.

No entanto, para essas ações se tornarem significativas, é necessário investir na democratização do acesso ao livro. A Educação Democrática é assunto muito discutido na atualidade. A sociedade brasileira tem acordado desde o início da gestão do PT no Governo Federal para a realidade multicultural do país, dando vazão à voz há tanto tempo amordaçada da maioria da população. A abertura de ministérios ligados a grupos étnicos, culturais, e (prevê-se) sexuais é prova desse interesse em reconstruir o país negado havia tanto pelas elites que se mantiveram no poder até um passado bem recente.

O PROJETO NAS VEREDAS DO GRANDE SERTÃO

Neste esforço, a Educação Democrática vem disponibilizar o acesso a bens culturais e imateriais até então restritos a uma parte muito pequena da população.

Com o objetivo de promover o “direito à literatura” e democratizar o acesso ao Patrimônio Cultural que a obra de Guimarães Rosa representa, em 2009, a prefeitura municipal de Carinhanha-BA, nas pessoas da Prefeita Chica do PT e do Deputado Federal Zezéu, atentos a esta realidade, organizou e realizou o projeto “Nas veredas do Grande Sertão”.

A ideia foi selecionar 50 adolescentes de escola pública para um encontro, entre os dias 16 a 19 de julho de 2009, com o Grande Sertão de Guimarães Rosa, dentro da programação do V ENCONTRO DAS ÁGUAS E DOS AMIGOS, evento anual realizado pela prefeitura.

Foram realizadas atividades de caráter formativo e multiplicador envolvendo a leitura do Grande Sertão: veredas, exibição de adaptações cinematográficas da obra, de slides com fotografias das “veredas” retratadas no livro, oficina e rodas de leitura e escrita.

No final de 2009, os alunos que participaram do projeto em julho, receberam das mãos da Prefeita Chica do PT, gratuitamente, exemplares do Grande Sertão: Veredas, como forma mesma de garantir a democratização de que estamos falando.

A ideia foi familiarizar os adolescentes com a linguagem de Guimarães para que eles próprios escrevessem suas memórias da travessia do Rio São Francisco ou de velhas lendas e histórias do povo ligadas à cidade.

Na ocasião, foi divulgada a lista dos autores dez melhores textos que comporiam esta coletânea que agora você, leitor(a), tem em mãos. O projeto “Nas veredas do Grande Sertão” culmina aqui, na publicação desse pequeno livro simbólico, que está sendo lançado hoje, junto da inauguração da PONTE GUIMARÃES ROSA, que ligará as duas margens do rio, e ligará a própria cidade de Carinhanha-BA a uma Nova Era de Modernidade que começa agora.

Léo Mackellene

Bolsista da CAPES, mestrando em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), com a pesquisa “IDENTIDADES IMAGINADAS: Literatura e Identidade Pós-Colonial”. Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), é professor de Teoria da Literatura e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral-CE. Desenvolveu trabalhos de tutoria em EaD pela UAB/UnB Pólo Carinhanha-BA nas disciplinas de Teoria da Literatura e Introdução à Análise do Discurso. Autor de livros de contos e poemas, é colaborador de portais de literatura na internet como www.corsario.art.br e www.cronopios.com.br.

Atualmente, assina o blog olivrodosmais-pequenossilencios.blogspot.com